

“No início não havia nada e então o homem fez então surgir a luz (*fiat lux!*)”. A luz de que se faz referência aqui é, logicamente, uma figura meramente metafórica e refere-se ao cabedal de conhecimentos compilados ao logo dos séculos. Inicialmente, a totalidade do conhecimento existente estava praticamente concentrada em uma única e abrangente entidade misteriosa: a “filosofia”. Até a idade média, a matemática, a lógica, a astronomia e até a medicina, tudo era considerado como filosofia; mas na medida em que crescia a quantidade de conhecimentos acumulados pelo homem, surgia a necessidade de *organizar* essa grande confusão em partes menores. Aliás, foi justamente por causa deste imperativo, aliado à admirável curiosidade inerente ao ser humano que foi moldada a ciência como a conhecemos hodiernamente. E, apesar da “viagem filosófica” dos gregos (Aristóteles, Platão, Sócrates, Pitágoras...) muitos dos fatos por eles observados e documentados foram fundamentais para o surgimento e consolidação da ciência ocidental, o pilar da civilização ocidental. Só para se ter uma ideia, a obra de Aristóteles influenciou decisivamente a religião, a política, a matemática, a biologia e até as artes! A organização do conhecimento concentrou-se inicialmente no chamado *Trivium*: gramática, retórica e filosofia, sendo a filosofia a grande Rainha. A evolução conduziu ao *Quadrivium*: aritmética, música, geometria e astronomia. Esta foi a base - na era medieval - do *Studium generale* e *Studium privilegiatum* que mais tarde, conduziram a criação das Universidades (termo *Universitas* tendo sido cunhado pelo Papa Inocêncio III para centros de estudo avançados em uma carta ao “*Studium generale* Parisiense”).

Outro marco relevante na evolução do conhecimento foram as Enciclopédias (do grego ἔγκυκλο "circular" + παιδεία "educação"), coletâneas de escritos em larga escala, cujo objetivo principal é descrever o relativo à concepção do conhecimento humano. Esta evolução passa na Idade Moderna pela famosa *Encyclopédie*, de 28 volumes, 71 818 artigos, e 2 885 ilustrações, editada por Jean d’Alembert e Denis Diderot em 1772; tendo como colaboradores: Jean-Jacques Rousseau, Voltaire, Montesquieu e outros ensaístas ilustres. Gottfried Von Leibniz, outro incrível “faz-tudo” (comparável a Leonardo da Vinci) da história da humanidade, traz a ideia da enciclopédia livre, baseado no pensamento de Lull, Comênio e Bacon. Segundo Leibniz, “(...) Lull, ao lado de Aristóteles, Galileu, Kepler, Descartes e Spinoza, estão na lista dos pensadores que o precederam na busca de um sistema não matemático de demonstração”. Basicamente, Leibniz tinha a pretensão de centralizar um conjunto de princípios universais que fossem capazes de expressar todas as ligações possíveis entre dois conceitos e não só isso, mas que também fossem capazes de produzir novos conhecimentos. Assim como Francis Bacon, Leibniz acreditava que as enciclopédias seriam essas tais “centralizadoras do conhecimento humano” e que, portanto, deviam ser projetos coletivos e abertos.

De Aristóteles a Leibniz, passaram-se cerca de dois mil anos, mas, apesar de a ciência ter avançado muito graças às contribuições de diversos filósofos e cientistas (dos mais lembrados, aos mais esquecidos), um aspecto nunca foi deixado de lado: a vontade de acumular conhecimento. Hoje, vemos que a pretensão de Leibniz foi, na verdade, um presságio do vindouro, pois o sonho de dispor do conhecimento difundido e compartilhado dentro de uma rede coletiva e aberta é bastante atual, diga-se de passagem. O mundo vive a era da Wikipédia (a enciclopédia livre), dos softwares de código aberto e das redes sociais; enfim, vivemos no mundo do compartilhamento de informações. Assim, amparada pelos ideários Aristotélicos e impelida pela aspiração de Leibniz, a humanidade cumpre o seu fadário.